



QUEM FAZ A NOSSA HISTÓRIA

Quem são e o que fazem as pessoas responsáveis por manter funcionando a Rádio Metrópole em seus 21 anos. Págs. 4 a 9



21
anos

Artigo

MÁRIO FILHO NÃO É UM NOME, É O MARACANÃ

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

No mês passado, como se estivessem com a vida ganha, deputados do Rio de Janeiro inventaram de mudar o nome do Maracanã, que se chama oficialmente Estádio Jornalista Mário Filho, para “Edson Arantes do Nascimento - Rei Pelé”. A proposta harmonizou políticos de diversas colorações ideológicas e foi aprovada pela Assembleia Legislativa do estado, precisando apenas da sanção do governador em exercício para vigorar. Contudo, após reações adversas da sociedade e recomendação contrária do Ministério Público, os próprios parlamentares, liderados pelo petista André Ceciliano, desistiram da besteira que estavam prestes a fazer. “Como disse o poeta: eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”, justificou-se o autor do projeto de lei. E como a desistência se deu na véspera do Dia do Jornalista (7/4), podemos aproveitar o ensejo para fazer justiça a um dos maiores que o país já teve: Mário Filho.

Antes, é preciso esclarecer que eu acho que Pelé merece toda homenagem possível. Que lamento que o Brasil, como verdadeiro Narciso às avessas, seja o único país que infelizmente cospe no rosto do rei. E que a proposta do deputado



alexandre vidal/flamengo

carioca não peca (muito pelo contrário) por querer homenageá-lo em vida. O problema é o seguinte: não se pode descobrir um santo para cobrir outro. Mesmo que esse outro seja Deus! E, nesse caso, há um agravante: o nicho em disputa, isto é, o Maracanã, tal como o conhecemos, é fruto direto da atuação, da luta de Mário Filho.

Mário Filho mereceria que o velassem multidões imortais

E outro agravante: a própria notoriedade de Pelé (em que pese todo o seu talento incomparável) também deve algo ao jornalista. “A passagem de uma posição elitista e socialmente excludente do futebol para a sua popularização e inclusão das classes menos favorecidas representadas, principalmente, pela raça negra, deve-se ao papel do cronista Mário Filho, autor, entre outras obras, do clássico ‘O Negro no Futebol Brasileiro’”, atesta a professora Eneida Maria de Souza.

Ela não cita, mas poderia incluir na enumeração também o livro “Viagem em Torno de Pelé”, que o jornalista e escritor publicou em 1963.

Verdade é que seria necessário muito espaço para listar todas as contribuições de Mário Filho não apenas para a imprensa, mas em toda a cultura nacional. Você não sabia, por exemplo, que foi o seu jornal Mundo Esportivo que promoveu o primeiro concurso das escolas de samba do Rio. Pois saiba. Quando ele morreu, seu irmão Nelson Rodrigues escreveu: “Hoje, eu e meus colegas andamos por aí, realizados, bem sucedidos, temos automóveis e frequentamos boates; andamos de frente erguida e o nosso palpite tem a imodéstia de uma última palavra. Mas eu gostaria de perguntar: o que era e como era a

crônica esportiva antes de Mário Filho? Simplesmente, não era, simplesmente não havia”.

Pode parecer exagero familiar, e Nelson era certamente dado a hipérboles, mas, analisando friamente os fatos, o que fica é isso mesmo, Mário Filho inventou nossa imprensa esportiva e, em grande medida, a mística do futebol brasileiro. E o Maracanã, que ora tentaram tirá-lo, faz parte disso. “O Maracanã foi uma de suas vitórias mais lindas”, escreveu Nelson. E completou: “Pena é que não o tenham enterrado lá. Com o Maracanã por túmulo, Mário Filho mereceria que o velassem multidões imortais”. Soscrevo. ■

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Matheus Simoni**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Gabriel Amorim, Matheus Simoni e Nardele Gomes**

Revisão **James Martins e Matheus Simoni**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametrople.com.br

Metrópole
Grupo **Metrópole**
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Rose

Gomes dos Santos



**é uma das 180 mil
beneficiadas pelas ações
sociais da Prefeitura**

A pandemia afetou a vida de todos, principalmente de quem mais precisa.

Por isso, a Prefeitura não mediu esforços para ampliar seus programas sociais. Está acolhendo moradores de rua, distribuindo refeições, entregando mais de 160 mil cestas básicas para as famílias mais carentes e um auxílio de 270 reais por mês para trabalhadores que ficaram sem renda. Em tempos tão difíceis é bom saber que você pode contar com a Prefeitura.

Use máscara. Não aglomere.

ESPECIAL

QUEM FAZ NOSSA HISTÓRIA

Nesses 21 anos, conheça as pessoas responsáveis pelo funcionamento da Metrópole e todos os bastidores da rádio

21 anos

Texto **Juliana Rodrigues e Nardele Gomes**

*juliana.rodrigues@radiometropole.com.br
nardele.gomes@radiometropole.com.br*

Mário, Abraão, Luana, Chico, Norma, James, Lara, Stephanie, Rita, Nardele, Bocão, Medrado, Gilda. Esses nomes conhecidos de quem faz a **Metrópole** são fáceis de lembrar nos 21 anos da nossa história. Mas existem outros tantos que você talvez não conheça, e que são tão importantes quanto cada um deles. Alguns chegaram antes da Metrópole; outros vieram depois. Todos igualmente importantes. Selma, Simone, Raimundo, Luiz Adolfo, Deize, Cleide, Nathalia, Cosme, Maurício. Somos muitos. E só estamos celebrando 21 anos de sucesso graças à dedicação de uma grande equipe, que, da portaria à secretaria da presidência, abraça a nossa causa diariamente nos bastidores. Hoje vamos celebrar outras estrelas da **Metrópole**.

21 anos
e muita
gente
envolvida



DONOS DA PORTA DE ENTRADA DA RÁDIO

A história de Raimundo Araújo com a rádio começou muito antes da **Metrópole**. Há 43 anos ele teve a carteira assinada pela extinta Rádio Jornal do Brasil. “A vida inteira eu trabalhei aqui. Eu considero a rádio como minha família”, diz. Raimundo é porteiro e conhece essa história como poucos. “Qualquer coisa que você perguntar sobre a rádio eu sei”, orgulha-se. “Teve momentos difíceis no início da Rádio Cidade. Todo mundo foi embora, eu fiquei. Ficamos eu, Mário e mais

umas três pessoas. Hoje temos outra realidade”. Além de Raimundo, nosso time da portaria tem Paulo Anunciação [foto ao lado], Carlos Carvalho e Cosme Santos, aqui há 29 anos. “É uma alegria muito grande. Me sinto muito bem aqui. A **Metrópole** é o lugar onde eu achei portas abertas. Os patrões sempre me apoiaram, e me apoiam até hoje, graças a Deus”. Quatro colaboradores do mais alto nível, que abrem as portas para o passeio pela **Metrópole** que faremos nesta matéria.



tacio moreira/metropress



tacio moreira/metropress



tacio moreira/metropress

“A Metrópole é uma coisa boa que aconteceu na minha vida. O convívio é muito bom.

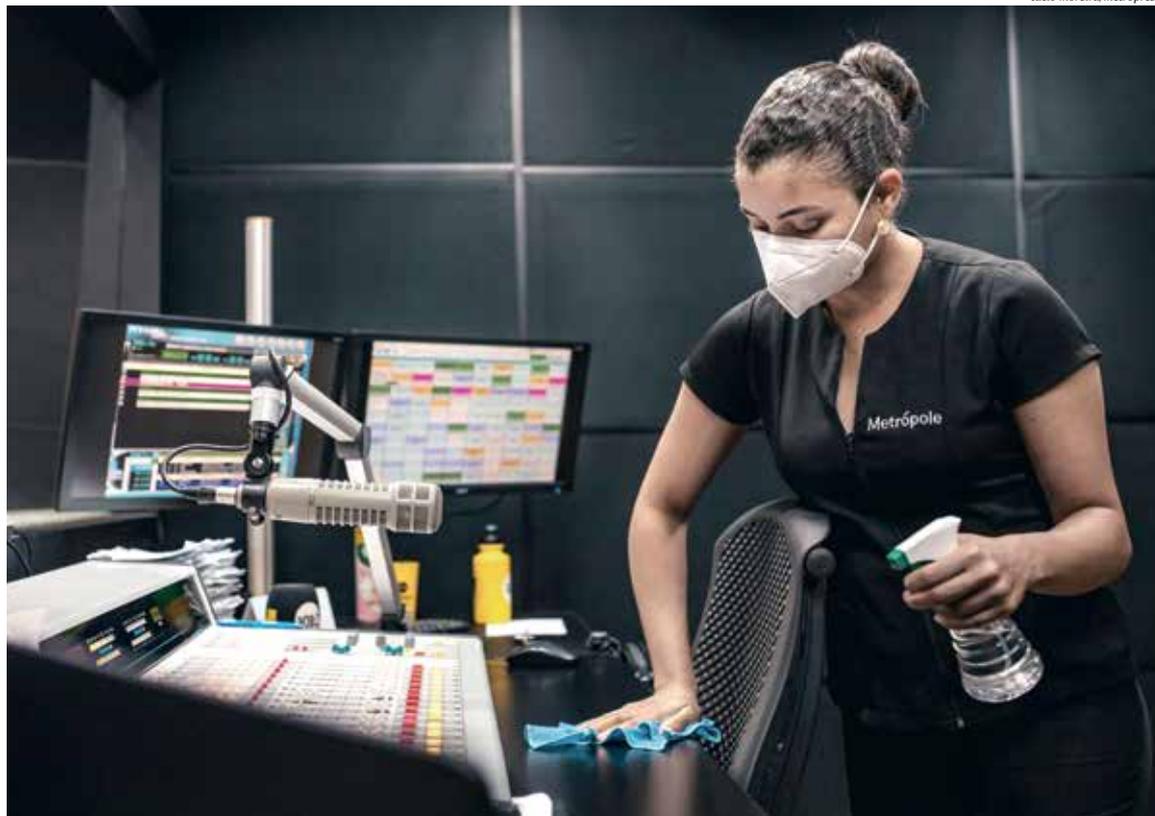
**Carlos Carvalho,
porteiro**



DO CAFÉ À LIMPEZA: ELAS CUIDAM DE TUDO

Talvez você conheça essa personagem: ela veio de Nova Soure para tomar conta do filho da irmã, que estava grávida. Se você lembrou de Cleide, acertou. “Meu sobrinho já tem 14 anos, já não preciso mais cuidar dele”. Cicleide Santos lembra com alegria dos eventos da Rádio no teatro, com a presença da audiência. “Adorava. Um bocado de gente, todo mundo queria conhecer Cleide que serve cafezinho na rádio”. Cleide também trabalha na

limpeza dos diversos setores da emissora. “Eu adoro trabalhar aqui. Conheci muita gente. É muito bom”, e sorri. Colega de Cleide há cinco anos, Deize Amaral diz que no início foi difícil. “Eu tinha pavor de Dr. Mário! Quando eu o via passando, eu atravessava pra não cruzar o caminho.” O medo já passou. “Hoje ele é um amigo, conselheiro”. Se ela gosta de trabalhar aqui? “Amo. Amizades foram construídas, me sinto acolhida aqui, sabe?”, conta.



tacio moreira/metropress



tacio moreira/metropress

“Eu adoro trabalhar aqui, conheci muita gente. É muito bom.

Cleide Santos,
copeira



SEU LULU E A HISTÓRIA QUE SE CONFUNDE COM A DA METRÓPOLE

Se vamos falar das peças-chave da história da **Rádio Metrôpole**, falemos de Luiz Adolfo Jonas. Muito antes de ser fundamental para a história do Grupo, ele já era um grande amigo de Mário Kertész. “Depois que Mário saiu da Prefeitura viemos pra a Rádio Cidade. E fomos conhecendo o que é rádio. Começamos tasteando as coisas, vendo o que é um transmissor, o que não é, com

a ajuda dos outros. Tínhamos um transmissor antigo que eu dizia a Mário que daria problema.

Tínhamos também um gerador próprio. De vez em quando faltava luz, mas o gerador entrava. E era ótimo, não tínhamos problema nenhum. Fomos levando, como se diz”. Para que as coisas melhorassem, a decisão foi investir em tecnologia. “Com muita dificuldade com-

pramos um transmissor novo muito bom, que está aí até hoje, com mais potência ainda”, conta. Ver a **Metrôpole** completando 21 anos, depois de superar as dificuldades do passado, é uma alegria. “Hoje é tranquilo, tá ótimo. Com Mário sendo o cabeça aqui da **Metrôpole**, depois chegou Chico devagarzinho e hoje é também o segundo. Ou o primeiro. Hoje está tudo bem”.



tacio moreira/metropress

21
ANOS

e a história
viva na rádio

FINANÇAS E ATENDIMENTO: A METRÓPOLE É REFERÊNCIA

Aos 17 anos, Selma Carvalho chegou para estagiar no Grupo. A missão era organizar o setor de contas a pagar e contas a receber. “Não havia sistema financeiro, o computador era compartilhado com o Comercial e RH. Era uma zona”, entrega. “Lembro de ir à Avenida Sete comprar ventiladores e negociar com o camelô”. 29 anos depois, Selma é Gerente Financeira da emissora. Na transição para a **Metrópole**, ela se preocupou. “Todos achavam uma loucura. Uma rá-

dio que não toca musica? Quem vai ficar ouvindo?”. Não demorou pra que ela percebesse o erro. “No final tudo deu certo, somos pioneiras e servimos muito à comunidade. E tudo isso só é possível porque os ouvintes tem acesso à emissora”. Selma lembrou um fato inusitado: “Presenciei literalmente um raio caindo na **Metrópole**. Foi um barulho horrível, faltou energia, alguns equipamentos queimaram e a radio ficou fora do ar uns dias.”

29 ANOS

entre estágio e gerência financeira

tacio moreira/metropress



TECNOLOGIA, OUSADIA E INOVAÇÃO É COM A METRÓPOLE

Todo mundo sabe que a inovação está no DNA da **Metrópole**, e por trás de toda novidade tecnológica da “radinha” está Marcos Meira, consultor técnico. A relação com a rádio, que começou ainda na década de 90, rendeu. “Quando cheguei tinha apenas três ou quatro computadores. Implementei

várias coisas, como um sistema para que Mário apresentasse os programas nas viagens, com boa qualidade de som”, conta. Além de coordenar a parte técnica de transmissões externas, como os eventos realizados em teatros, Meira também desenvolveu o Sistema Integrado de Comunicação (Sico), usado pelos

apresentadores. Ele cita outras inovações nas quais trabalhou ao longo de 21 anos: “Já transmitíamos ao vivo com imagem muito antes do YouTube. Fomos os primeiros a transmitir o Carnaval com qualidade digital e tivemos um sistema próprio para a Copa do Mundo da África do Sul, em 2010”.



“Somos pioneiras e servimos muito à comunidade. E tudo isso só é possível porque os ouvintes têm acesso à emissora.

Selma Carvalho,
gerente financeira



O PRIMEIRO CONTATO E A ATENÇÃO INCONFUNDÍVEL

Quem liga para a **Metrópole** para participar da programação ouve primeiro a voz doce e acolhedora de Simone Lins, atendente da emissora desde os tempos da Cidade. O contato com os ouvintes da rádio traz alguns desafios, mas se traduz também em demonstrações de carinho. “Eu brinco com as pessoas, nunca passo nervosismo nem mau humor. Tento sempre ser cordial, porque quando as pessoas ligam pra cá, elas querem resolver algum problema. Às vezes os ou-

vintes ligam para me desejar bom dia”, diz, acrescentando: “Tem ouvinte que liga para desabafar, outros ligam porque querem ser ouvidos de alguma forma”. De tão conhecida pelos ouvintes, Simone se tornou “personagem” das imitações de Abraão Brito durante os programas da **Metrópole**. “Muita gente que escuta a rádio, alguns parentes meus, juram que sou eu falando no ar. Acho que Abraão é nota 10, porque me imita muito bem”, diverte-se.

100%

de atenção às demandas dos ouvintes da **Metrópole**



tacio moreira/metropress



tacio moreira/metropress

“Esse carinho do ouvinte é muito importante e, no dia a dia, recarrega as baterias.”

Abraão Brito,
locutor



DE ESTÁGIO À SECRETARIA: EXCELÊNCIA E COMPETÊNCIA

Quando Ana Paula Matos chegou para estagiar na Informática em 2011, ela não imaginava que, 10 anos depois, ocuparia a Secretaria da Presidência. “Me inscrevi num cadastro de estágio, mas queria só estudar mesmo. No dia do cadastro me chamaram. Era perto de casa, eu vim”. Ficou três meses com Meira, quando a secretária da época, Mariana Kister, saiu. Ana Paula assumiria por um tempo, acabou ficando. “Era difícil no início, eu tinha medo de errar. Com o tempo foi melhorando, hoje é muito tranquilo”, conta sorrindo.

De tudo um pouco, Ana Paula coordena as ações



tacio moreira/metropress

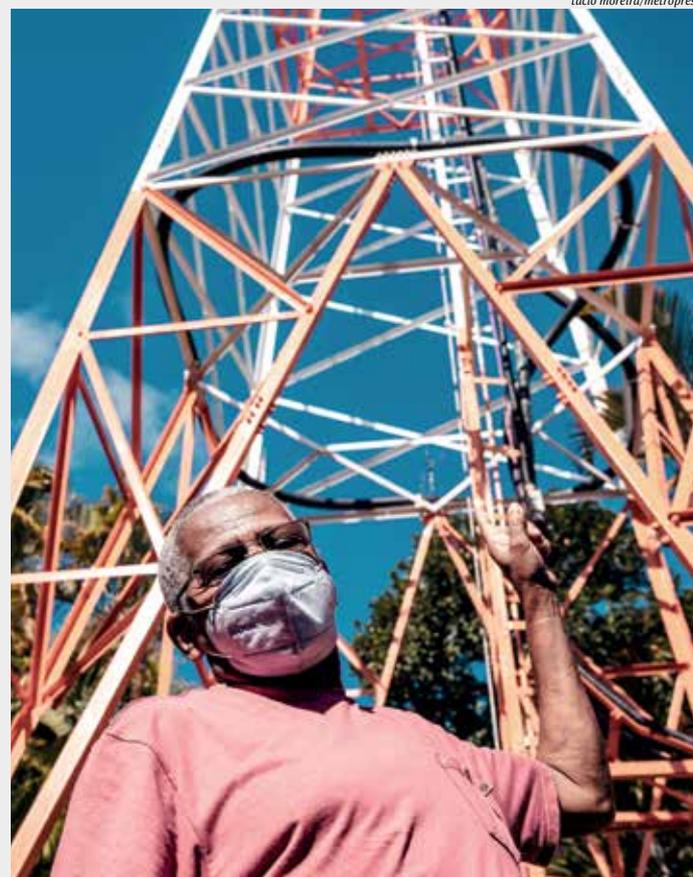
DE PAI PARA FILHO, O COMANDO TÉCNICO



Mau Pai e Mau Filho. Ao contrário do que parece, estamos falando de duas figuras incríveis, dois Maurícios, pai e filho. José Maurício Oliveira (o pai), chegou aqui junto com a pedra fundamental da Rádio Jornal do Brasil. Literalmente. “Este prédio foi feito especificamente para isso. Eu vim montar a rádio, eu e mais cinco engenheiros. Nunca mais saí daqui. Nem posso dizer que a Metrópole é a minha segunda casa, acho que é a pri-

meira!”, diverte-se. Ele também lembrou o tal raio que caiu aqui uma vez. “Nem é bom falar, por que está na época. Teve até gente desmaiando”, diz ele, mas vindo de quem vem, é bom dar os descontos. Já José Maurício Pereira, Mau Filho, Técnico de Gravação, chegou para cobrir férias. Cheio de bordões engraçados, Maurício faz mágica na edição dos áudios que você ouve com a gente. “Sou muito feliz por ter a felicidade de fazer o que gosto”, conta.

tacio moreira/metropress



“Nem posso dizer que a Metrópole é a minha segunda casa, eu acho que é a primeira.

José Maurício,
técnico



ONDE RODAM OS ANÚNCIOS, COMERCIAIS E CONTATOS

Vital para o funcionamento de uma empresa de comunicação, o setor Comercial é o responsável por trazer os anunciantes. São colaboradores como Carlos Lima, há 16 anos na **Metrópole**, depois de um período também na Cidade, que preenchem os intervalos comerciais da programação da

rádio. “Aqui eu faço o que eu gosto de fazer na rádio que eu gosto de ouvir”, conta. Ao lado de colegas como Nathalia Meirelles, que também é Contato Comercial, Renata Reboredo, Analista Comercial e Clerisson Amorim, Programador Comercial, Lima enfrenta um desafio diário: “Trazer um cliente novo

todo dia. Esse é o meu desafio. Mas tem algo que facilita muito meu trabalho, sem sombra de dúvida, que é o nome **Rádio Metrópole**, e o nome do nosso âncora, Mário Kertész. Essa credibilidade não falha”, diz, confiante. “Eles param pra ouvir a proposta, querem concentrar sua mídia no nosso público”.

tacio moreira/metropress





MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

OS BILIONÁRIOS, OS ESFOMEADOS E DEUS

Um dos discursos mais repetidos pelas autoridades da República que criticam as medidas restritivas e são contrárias à adoção do lockdown para deter a circulação do vírus e diminuir os índices de morte pela covid é o de que, com a economia fechada, as pessoas não vão morrer de vírus, mas de fome. É como se só restasse ao mundo inteiro esta escolha: você prefere morrer de fome ou de covid? Felizmente, nem todo mundo – e nem todo o mundo – pensa assim. E embora pareça óbvio, sempre é bom lembrar: morto não vende, não compra, não trabalha, não consome.

Com mais ou menos lockdown, o vírus continua se alastrando e só o pensamento mágico, a ignorância ou a má-fé para afirmar que, com tudo aberto, haveria menos mortos. Dentre as mais de 4.000 vítimas que entraram para as estatísticas num único dia, na última terça-feira, ninguém teve como

causa mortis a fome, a desnutrição, a falta de alimento no corpo, embora a fome também já tenha se alastrado pelo país e embora haja gente muito esclarecida e supostamente bem-intencionada que argumenta sempre: ah, esses números são falsos. Agora só se morre de covid. Os médicos estão sendo obrigados a escrever nos prontuários de todo mundo que morre que foi covid, sem ser. Os prefeitos que não registram mortes pelo vírus não recebem verbas dos governos estaduais.

Um ano depois da pandemia, os efeitos trágicos dela se

espalham por toda parte, não só em número de mortos, contaminados ou sequelados após a cura. A olho nu e sem precisar recorrer à televisão, aos jornais e à web, se vê diariamente o aumento de pessoas vivendo nas ruas, gente aparecendo para dormir embaixo de marquises, famílias inteiras em sinais de trânsito e placas de vende-se e aluga-se numa quantidade jamais vista. O estrago do vírus em nossas vidas já é imenso e continua intenso, sem sinais de trégua e com o número de mortos e de contaminados em crescimento espantoso, mas previ-

sível de acordo com alertas dos cientistas chamados inicialmente de alarmistas, mas que, até agora, infelizmente, não erraram nada em seus prognósticos epidemiológicos.

INFERNO - Mas a vida real é simultânea e a mesma primeira página de um veículo jornalístico exibida, no dia em que pela primeira vez o Brasil ultrapassava 4.000 mortos em 24 horas, nestas três notícias, as camadas que compõem este país: “Fome cresce e, pela primeira vez em 17 anos, mais da metade da população não tem garantia de comida na mesa” (são mais de*

116 milhões nessa situação)”. “No ano da pandemia, Brasil ganha 11 bilionários na Forbes” (em bilhões de dólares, não em reais, registre-se). “Fome dispara, mas doações despencam”.

À medida que vai avançando, o vírus vai aplicando lentes de aumento no que já era a realidade social brasileira. Ao aprofundar os precipícios entre as classes, a pandemia vai deixando a impressão de sabermos como é o inferno, qual a altura das labaredas, mas, mostrando também o quanto, como povo, somos cada vez mais incapazes de reduzir as chamas. Ao contrário, demonstramos muito talento para intensificar o fogo e nenhum para algum saneamento moral que diminua a nossa mesquinha. Só nos resta plagiar Eduardo Cunha, o ex-todo poderoso e atualmente preso, aquele que apertou o play e deu início à dança do último impeachment: que Deus tenha misericórdia dessa nação. (Deus não teve).

‘Deus tenha misericórdia dessa nação’

O estrago do vírus em nossas vidas já é imenso

Fome dispara, mas doações despencam

CASO CÁTIA RAULINO: AGORA É COM A JUSTIÇA

Após série de reportagens da Metrópole, suposta jurista acusada de estelionato e falsidade ideológica é presa em operação conjunta das polícias baiana e catarinense

Justiça

Texto **Matheus Simoni**
matheus.simoni@metro1.com.br

Após uma série de denúncias da **Metrópole** e uma investigação árdua sobre Cátia Raulino, agora caberá à Justiça decidir o destino da suposta jurista, acusada de estelionato, falsificação de documento público e falsidade ideológica. Ela foi presa no final de março em Santa Catarina, após operação conjunta entre as polícias baiana e catarinense. Após abrir uma empresa de Tecnologia da Informação (TI) em Florianópolis, policiais conseguiram rastreá-la pelo número de telefone da empresa e efetuaram a prisão após articulação do serviço de inteligência. O in-

quérito sobre o caso de Raulino foi concluído e encaminhado à Justiça em outubro do ano passado. Em janeiro deste ano, a denúncia foi acatada e ela passou a ser considerada ré. O caso Cátia Raulino foi descoberto após uma série de denúncias da **Metrópole**. Após ela ostentar diversos títulos e formações acadêmicas, a polícia concluiu que ela jamais possuiu as titulações.

Cátia atuou como professora e dizia ser doutora



brenda viana/bnews

SR Clínica Odontológica
Dra. Silvânia Rocha
cuidados que fazem a diferença

**ONDE VOCÊ VÊ
UM PROFISSIONAL,
EXISTE UMA EQUIPE
DE ESPECIALISTAS.**

**CLÍNICO GERAL,
CIRURGIA, DENTÍSTICA,
DTM, ENDODONTIA,
ORTODONTIA, ODONTOPEDIATRIA,
PERIODONTIA E PRÓTESE**

71. 3052-1880



RESPONSÁVEL TÉCNICO: DRA. SILVÂNIA ROCHA - CRODIA 14971

A SEGUNDA CAPITAL DA VACINAÇÃO NO PAÍS

400 MIL

vacinados
contra a
Covid-19
em Salvador

Processo de vacinação avança e Salvador se torna a segunda cidade com maior porcentagem de vacinação do público alvo na estratégia contra a Covid-19

Coronavírus

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Já são mais de 400 mil vacinados em Salvador. Até o final do dia de vacinação ontem, 422.035 soteropolitanos já ha-

viam recebido pelo menos a primeira dose do imunizante. O trabalho de aplicação das vacinas, que começou em 19 de janeiro com a enfermeira Maria Angélica de Carvalho Sobrinho, de 53 anos, agora já coloca Salvador como a segunda capital que mais atingiu o público alvo

desta fase da vacinação e a terceira que mais aplica primeiras doses no país.

Por dia, a aplicação já atinge mais de 11 mil pessoas. O processo já avançou na idade e agora já alcança idosos com idade igual ou superior a 62 anos além de outros grupos

prioritários como agentes de segurança pública e pacientes que fazem uso de hemodiálise. Os profissionais de saúde compõem o maior grupo entre os já imunizados. São 108.850, ou 25% do total, que já tomaram a primeira dose. “Os indicadores de Salvador são excelentes

perante o Ministério da Saúde. O prefeito e o governador tentado fazer compra direta para acelerar o processo de vacinação mas tem encontrado dificuldades”, avalia o secretário de Saúde de Salvador, Léo Prates, ao analisar o panorama da cidade.

jefferson peixoto/secom pms



O PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO ESTADO

R\$
55

para oferta
do vale-
alimentação

Com pandemia, rede de ensino na Bahia retoma atividades e alunos e professores encaram desafios na utilização de plataformas EAD

Educação

Texto **Adele Robichez**
adele.robichez@metro1.com.br

Após um ano parada por conta da pandemia do coronavírus, a rede estadual de ensino na Bahia retomou as suas atividades. Há quase um mês, professores e alunos vivem uma nova forma de ministrar e participar de aulas: de maneira remota.

Em entrevista a Mário Kertész, no programa *Jornal da Bahia no Ar*, da **Rádio Metrôpole**, o secretário estadual da Educação, Jerônimo Rodrigues, revelou que o planejamento original não previa aulas virtuais, mas devido ao tempo perdido e à piora da pandemia do coronavírus, foi a solução encontrada. O ano letivo iniciado no dia 15

de março reúne dois anos em um. Por isso, a carga horária é maior, com aulas de segunda a sábado. No total, serão 1.500 horas de aulas. Elas são transmitidas diariamente em salas do Google, no canal da Educação Bahia, no YouTube, e no Educa Bahia, na TVE.

O governo estadual retomou a oferta do vale-alimentação estudantil aos alunos da rede pública estadual, no valor de R\$ 55. Além disso, inaugurou dois novos programas para 2021. Um deles é um auxílio de R\$ 150 a famílias de estudantes em condição de vulnerabilidade socioeconômica. E a maior novidade: o Mais Estudo, que seleciona dois alunos por turma, a partir das suas notas, para serem monitores, com uma bolsa mensal de R\$100.



mateus pereira/govba



paula froes/govba

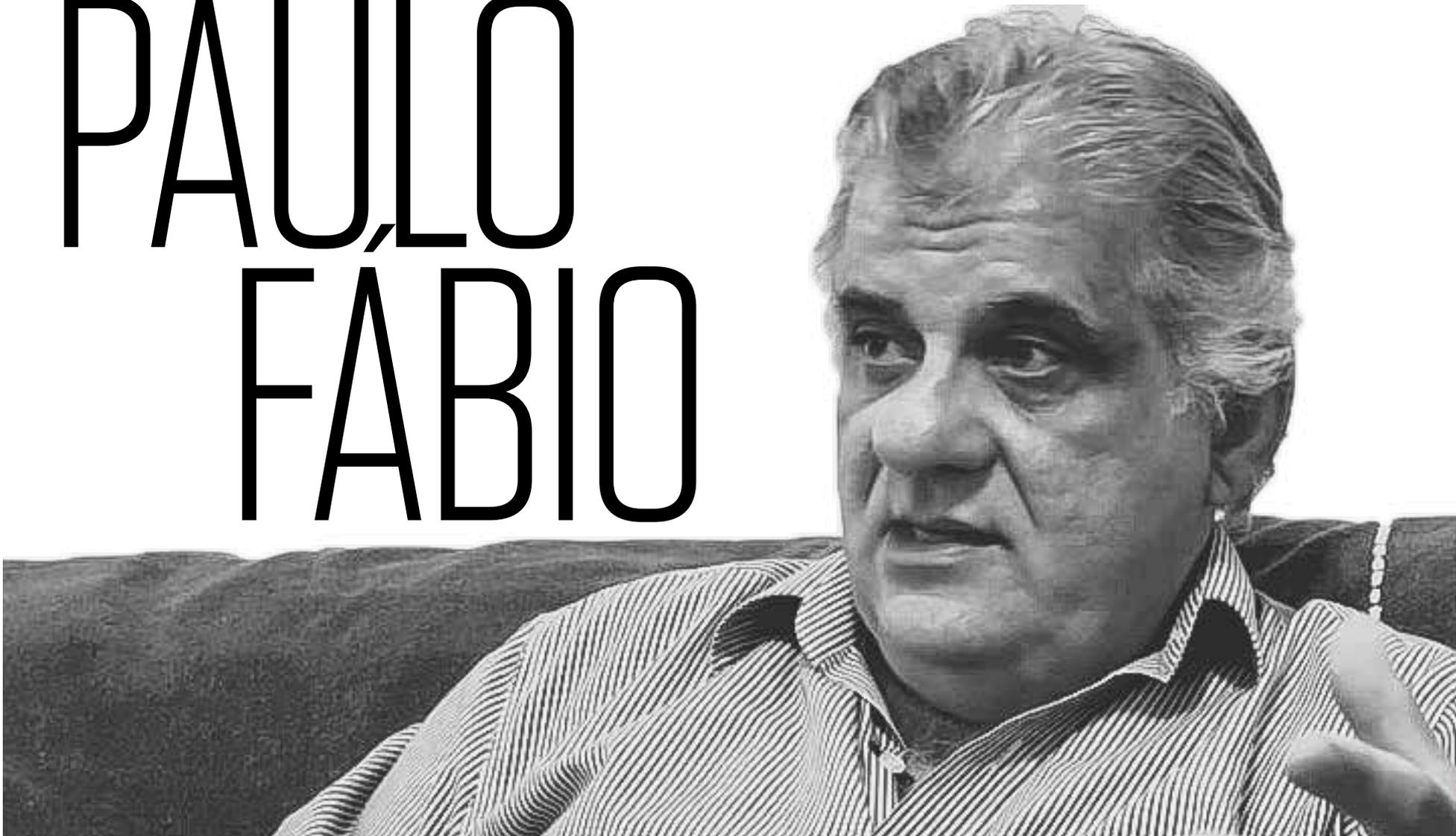
PRINCIPAIS DIFICULDADES

“Eu tenho colegas que estão passando por muitas dificuldades de acesso ao sistema. Isso traz um desgaste muito grande”, afirmou Patrícia Cintra, de 50 anos, professora do Colégio Raphael Serravallo, na Pituba. A situação já era imaginada pelo secretário. “A dificuldade é para o professor, que não teve formação nas plataformas de conteúdo”, disse o gestor. Com a mudança, os alunos e as

famílias também tiveram que se reajustar. “Eu tenho uma amiga mesmo, que ela não tem internet em casa, vai na casa da tia todo dia de manhã pra conseguir assistir as aulas”, contou Maria Alice da Silva, de 16 anos, do Colégio Estadual Thales de Azevedo, no Costa Azul. “Então a garantia de que um ano será recuperado... não sei te dizer, nesse tempo”, analisou Patrícia.

ENTREVISTA

PAULO FÁBIO



arquivo pessoal

■ Ex-deputado estadual e cientista político

O cientista político e ex-deputado estadual Paulo Fábio Dantas Neto fez uma análise da conjuntura política da Bahia e suas repercussões nacionais ao longo do tempo em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrôpole**. Ele comentou os 50 anos do primeiro governo de Antônio Carlos Magalhães e do impacto dele na política do estado. Paulo Fábio ainda fala do primeiro momento do carlismo e da figura que foi governador da Bahia em três mandatos, que lhe rendeu um livro.

PODER PESSOAL

“Aquele foi o momento da consolidação do poder pessoal de Antônio Carlos na Bahia em que ele passa a se transformar não apenas numa figura proemi-

nente de uma elite dirigente colegiada, como era nos 60. Juracy, Luis Viana Filho, ele e, secundariamente, Lomanto. Tínhamos ali uma elite dirigente colegiada que se articulou com o golpe na última hora. É importante verificar isso”.

A INFLEXÃO

De acordo com Paulo Fábio, a respeito da conjuntura da época, a chegada de ACM ao governo teve um grande reflexo nas épocas seguintes. “Eu defino um período de consolidação de uma liderança pessoal. O ACM que conhecemos nos anos 90 não teria acontecido se ele não tivesse feito essa inflexão para o plano nacional que precisou fazer nos anos 70”, avaliou.

DELÍRIO DE PODER

No entanto, a postura de ACM na época da ditadura militar precisa ser avaliada de forma especial, segundo o cientista político. Para ele, as alianças da época não previam o período ditatorial instalado no país. “Não quero que tenha falsa impressão de que eu tenho a visão romântica de que ele era um sonhador. Ele teve um delírio de poder. Ele não teve noção clara de que ele tinha embarcado numa canoa que não era mais de 64”, disse.

O CARLISMO

“Ela parou lá atrás, entre 74 ou 78. O projeto era chegar em 98. Luís Eduardo estava em ascensão, mas morreu.

Meu orientador chegou para mim e disse assim: ‘você se lascou, seu objeto foi embora’. O que eu estava querendo fazer era uma história do carlismo que começava em Antônio Carlos e terminava em Luís Eduardo”, afirmou. No entanto, a história teve outros rumos e o material cronológico se estenderá até o ano de 2007, ano da morte de Antônio Carlos.

“Tradição, autocracia e carisma”: obra fala da história de ACM

ELMAR NASCIMENTO

■ Deputado federal

O deputado federal Elmar Nascimento (DEM-BA) comentou o trabalho do Congresso Nacional no enfrentamento da pandemia da Covid-19 no país. Em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrôpole**, ele afirmou que, se não houver planejamento, o Brasil não conseguirá sair da crise econômica. Elmar falou ainda de como o governo federal se atrapalhou na condução da pandemia e a sobre relevância do ex-presidente Lula no cenário político.

NEGACIONISMO

“Não há como tapar o sol com a peneira. Não há como negar que o governo atrapalhou a ele mesmo. Essas posturas negacionistas fizeram com que o Brasil tivesse atrasado em relação a outros países com relação à competição. A diplomacia talvez tenha sido

o que mais me atrapalhou. O discurso de posse do ministro das Relações Exteriores nos enche de esperança no sentido de tentar corrigir os rumos, embora tardiamente”, disse o deputado federal.

LULA E 2022

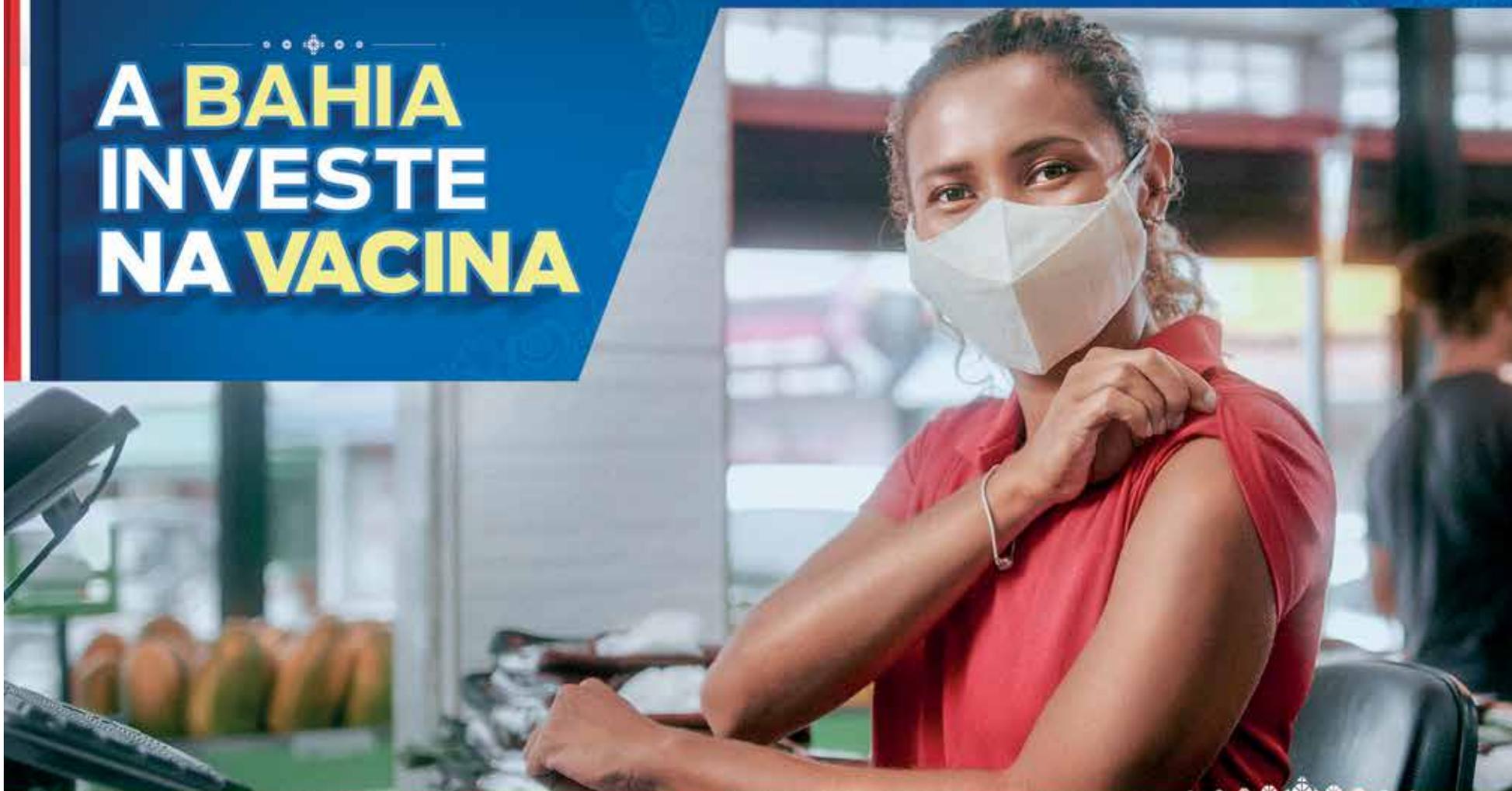
“A impressão que se tem de toda estratégia política, e digo sempre desde que se foi colocada a possibilidade de reeleição no Executivo, seja municipal, estadual ou federal, quem está no poder, só perde para ele mesmo. A estratégia política toda do governo mostra que eles queriam uma polarização com o PT, não Lula. Lula é maior que o PT. O PT está muito pequeno e Lula é maior. É um animal político. Ele sabe que precisa e está tentando se reaproximar do centro para tentar crescer”, diz.



cleia viana/câmara dos deputados

A VACINA SALVA VIDAS, O COMÉRCIO E OS EMPREGOS

A BAHIA INVESTE NA VACINA



Para ajudar a gente a sair de vez dessa situação, precisamos da vacina. Porque a vacina não salva apenas as pessoas. Salva também o comércio do fechamento. Salva as famílias do desemprego. E os hospitais do colapso. Salva todos nós desse pesadelo. Por isso, o Governo do Estado arregaçou as mangas. E além de abrir leitos e lançar programas de auxílio para quem mais precisa, também investe na vacina! É assim, trabalhando sério, que vamos vencer a pandemia.


**GOVERNO
DO ESTADO**
BAHIA *sem* ORGULHO